

Autora | AuthorLarissa Ferreira*
larissa.ferreira@ifb.edu.br**CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA – APRESENTAÇÃO**

Esta edição especial da *Revista Eixo* configura-se como uma ação da Coordenação de Cultura, Sustentabilidade, Gênero, Raça e Estudos Afro-Brasileiros (IFB/CBRA) a fim de gerar espaços de reflexão e debate sobre os saberes negros. E ao promover a reflexão sobre estas afroepistemologias, não raramente esbarramos com o racismo no contexto educacional. Diante da necessidade de promover a educação e a diversidade étnico-racial, espera-se que as reflexões presentes nesta revista colaborem para a prática de uma educação antirracista. Sobretudo diante do racismo epistêmico que é afirmado diariamente, nos brancos cadernos e livros da educação nacional que ainda se constituem com base no sujeito universal inexistente. No país cuja população é majoritariamente indígena e negra, forjam-se perigosas identidades brancas que insistem em desqualificar os grupos já citados, chamam-(n)os de minorias e rejeitam os saberes ancestrais.

A educação insiste em ser incolor numa país cuja pobreza tem cor. O que dizer quando mais de 60% da população carcerária é negra? E sobre o genocídio negro? A cor da pele é um marcador social. “O pecado é preto como a virtude é branca. Todos esses brancos reunidos, revolver nas mãos, não podem estar errados” (FANON, 2008, p. 125) E na Década Internacional do Afrodescendente (2015 - 2024), combater as facetas do racismo (institucional, ambiental, epistêmico, religioso) é dever de uma educação inclusiva e plural. Notadamente frente ao racismo que perversamente transita com fundamento ora religioso, ora político, ora econômico e ora científico, como nos recorda Sodré (1999, p. 44). Nesse sentido, a educa o das rela oes étnico-raciais deve ser encarada como uma missão. Sobretudo considerando a atua o dos Intitutos Federais em prol de uma educa o inclusiva e diversa.

O Dia Nacional da Consciência Negra recorda que   preciso resgatar as afroepistemologias. O que implica, para alguns (muitos), abrir mão do secular privilégio eurocêntrico sobre o conhecimento civilizatório ocidental. *Orunmilá*   saber. “ Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir” (FANON, 2008, p. 96). Já não pedimos licença para falar. Já não pedimos licença para exisitir. Já não pedimos licença, somente *ag *.

Vale ressaltar que os autores participantes desta edi o foram convidados a colaborar com suas pertinentes pesquisas diante de sua notória atua o sobre a questão negra, seja no campo do ensino e ou pesquisa. Dito isto, a presente revista não compõe-se de textos e autores escolhidos casualmente. Diante da riqueza destas contribui es, a revista foi organizada trilhando uma ordem específica de agrupamento temático dos artigos.

Na sessão temática **Educação antirracista: experiências educacionais e ações afirmativas**, o texto “Diálogos: educação ambiental e educação antirracista no contexto da formação docente”, de Rita Silvana Santana dos Santos, abre a sessão desde um desafio à educação contemporânea: trabalhar conjuntamente a educação ambiental e a educação antirracista a partir de uma perspectiva crítica, sensível e política. A abordagem ambiental e antirracista como concepções de educação e não enquanto temáticas: ao pautar estas questões, evoca as cosmologias de uma corporalidade afrocentrada, que não separa corpo e natureza. E, nesse sentido, promove fissuras na definição do corpo ocidental que hegemonicamente rege a educação dita universal. O texto que se segue: “Racismo Institucional e argumentos sobre cotas raciais”, de Joaze Bernardino Costa e Vanessa Machado, evidencia a importância das cotas raciais e aponta a necessidade de ampliar essas ações afirmativas nas Universidades. Para isso, dissecar os mecanismos do racismo institucional e o modo como os critérios raciais organizam as oportunidades de forma segregada. Evidencia o modo como o próprio sistema educacional desenvolve determinadas práticas de favorecimento e manutenção de um *status quo* racista.

A segunda sessão temática, **Decolonialidade x colonialidade: independência, território e epistemologias afrocentradas**, compõe-se de três artigos. O primeiro, “Amílcar Cabral, Frantz Fanon, Joseph Ki-Zerbo, Viriato da Cruz, W. Du Bois: memórias das lutas anticoloniais pelas independências e unidades africanas em Mário de Andrade”, de Leandro Santos Bulhões de Jesus, trás uma consistente pesquisa histórica acerca das lutas pela libertação e emancipação no continente africano. Como recorte dessas lutas anticoloniais nas décadas de 1950 e 1960, reflete sobre a importância de determinadas figuras históricas fundamentais para a independência. O Segundo artigo, “Territórios Quilombolas: Geografias, Cartografias & Conflitos Institucionais”, de Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, trata das especificidades da geografia de matriz africana no Brasil, sobretudo com atenção para a questão sobre os conflitos em territórios Quilombola. Trata-se da questão da exclusão social Quilombola desde a negação à terra, no que chama de “Geografia da Exclusão e do Conflito” (ANJOS, 2017). Ao traçar uma geopolítica do Brasil colonial-imperial, desde a produção da deslegitimação dos direitos Quilombolas, corrobora a refletir sobre a necessidade de descolonizar não somente o pensamento, mas também o território. O terceiro artigo da sessão, “Em defesa de uma epistemologia destoante: notas sobre a perspectiva africanocentrada”, de Aline Maia

Nascimento, apresenta uma perspectiva africanocentrada que desloca as hegemônicas teorias do conhecimento eurocêntrico e, nesse sentido, rejeita o colonialismo epistemológico. Denuncia o racismo epistêmico frente à secular construção de uma supremacia branca desde a colonização do saber. Um convite à reflexão sobre determinadas abordagens educacionais que não contemplam a diversidade étnico-racial no campo epistêmico.

A sessão temática, **Cosmologias afro-brasileiras: religare e ancestralidade**, inicia-se com o artigo “O fenômeno do racismo religioso: Desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas”, de Wanderson Flor, que aponta a necessidade de discutir a categoria “racismo religioso”, desde a violenta hierarquia a qual estão submetidas as religiões de matrizes africanas no Brasil. O autor defende a necessidade de nomeação da categoria “racismo”, uma vez que a categoria “intolerância” é insuficiente para compreender a perversa violência praticadas contra os afro-religiosos. Avizinhamo-nos novamente à Sodré (1999, p. 44), cientes dos mecanismos racistas que transitam apoiados pelo fundamento religioso. Por sua vez, o artigo “O cavalo da palavra: o uso de provérbios no Candomblé e na capoeira da tradição a contemporaneidade”, de Alan Santos de Oliveira, relaciona o Candomblé e a capoeira desde seus aspectos estruturante afrodiaspóricos, com atenção para o uso dos provérbios. Faz recordar um dos ensinamentos do sábio Mestre Cobra Mansa: “A capoeira não é incolor. E ela já teve religião sim.” (Anotações pessoais. Encontro de Capoeira do DF, novembro de 2017). Seguindo a ginga angoleira, o autor resgata o lugar ancestral do *religare* implicado na capoeira, tão caros nestes tempos de discussões sobre registro e salvaguarda da capoeira. Sobretudo ao considerar as diferentes facetas do racismo religioso, praticado por exemplo na apropriação pela capoeira gospel. Já no artigo “A Consciência Negra: perigos ou salvação da nação?”, de Alain Pascal Kaly, o autor apresenta uma cosmologia africana múltipla, na qual convivem o politeísmo e o monoteísmo. Ainda que no *religare* das religiões afro-brasileiras o politeísmo seja uma marca de resistência ancestral. E, como autor africano, aponta os perigos de uma história da África centrada no período escravagista. Oferece outras perspectivas de contato com a cultura africana e rejeita uma história única pautada na África Atlântica.

No tocante aos dois artigos presentes na sessão, **Identidade negra: desconstruindo padrões hegemônicos**, ambos reivindicam a necessidade da construção de uma identidade negra e, concomitantemente, rejeitam os padrões de uma beleza hegemonicamente embranquecida. Em “Estética do

cabelo afro: salão de beleza como uma forma de identidade na comunidade de São Sebastião/DF”, de Diene Ellen Tavares Silva e Katheleen Cristine Souza Borges de Jesus, o artigo que compõe-se como um desdobramento reflexivo acerca do projeto de iniciação científica no Ensino Médio, aponta o modo como emancipação e afirmação identitária estão diretamente relacionados. E, na abordagem da educação antirracista desde a afirmação da estética afro, a afirmação da identidade negra coloca-se como uma questão chave. No texto “Racismo e propaganda no Brasil”, de Dayane Augusta Silva e Jonas Brito, a análise sobre o negro na propaganda reafirma a necessidade de associar projetos educacionais de afirmação da estética negra à presença positivada dos negros nas mídias. Já que, quando presentes em novelas e propagandas, os negros são subjugados à papeis subalternos e são frequentemente sexualizados. Nesse sentido, chama a atenção para o fato de que a afirmação da identidade negra no espaço escolar é um passo que deve ser trilhado em aliança com uma maior visibilidade negra na mídia, desvinculada de uma representação pautada na reificação de sua imagem.

Por fim, na sessão **Perspectivas antirracistas nas artes: estéticas negras**, quatro artigos que debruçam-se sobre as artes: visuais, dança e teatro desde a perspectiva negra. No texto “A arte visual afro-brasileira: considerações sobre um novo capítulo no ensino da arte”, de Nelma Cristina Silva Barbosa de Mattos, a autora aponta lacunas na abordagem da arte visual afro-brasileira no espaço escolar. Apresenta um panorama sobre a construção colonial da história da *Beaux Arts* no Brasil e, sendo a arte uma prática de visualidade e visibilidade, faz uma crítica à hierarquia no sistema de arte e o modo como a arte afro-brasileira ocupa um espaço de invisibilidade. Vale ressaltar que, muitas vezes limitada à perspectiva museológica e histórica, pouco leva-se em consideração a contemporaneidade da arte afro-brasileira. O mesmo sucede com a arte Africana, majoritariamente visibilizada em sua produção de máscaras e outros objetos arqueológicos saqueados durante a colonização. Na presença de tais peças no Museu do Louvre ou no British Museum, a reafirmação de uma colonialidade de poder. A autora problematiza tais hierarquias, na construção destas artes como algo menor, primitivo e tribal, ao passo que discute como esta desvalorização é inevitavelmente refletida no espaço escolar. O artigo seguinte, “A Negritude e a cena no Brasil”, de Jonas Sales, apresenta uma abordagem histórico sociocultural sobre o conceito de “negritude” e o modo como os movimentos sociais estão implicados na construção ideológica deste termo. Traça

uma panorama destas lutas desde o engajamento de figuras fundamentais no campo do teatro e da dança, principalmente no Brasil. Já no artigo, “Considerações acerca dos discursos coreográficos dos Blocos Afro Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê e Bankoma”, de Nadir Nóbrega Oliveira, a autora evoca a corporalidade negra desde os Blocos Afros da cidade de Salvador/BA, blocos que durante muito tempo constituíram-se como um dos poucos espelhos para o pertencimento negro. Ainda que Salvador seja a cidade mais negra do país, as ações de embranquecimento são perversas nos coloniais modelos eurocêntricos de dança. Ao debruçar-se sobre a corporalidade das danças negro-africanas, Oliveira propõe uma interessante análise simbólica dos movimento nestas danças. Por fim, o artigo “Danças Negras: entre apagamentos e afirmação no cenário político das artes”, de Fernando Marques Camargo Ferraz, reflete sobre a necessidade de constituir as “danças negras” enquanto área de conhecimento. E, para isso, aponta a urgência em promover uma educação antirracista no âmbito das IES, sobretudo na constituição dos currículos dos cursos superiores de dança. Trata especificamente da disciplina História da Dança Brasileira e apresenta um panorama da dupla exclusão das questões negras, na componente curricular e no contexto artístico da dança.

Diante destes diversos olhares, esperamos que a leitura dessa revista suscite reflexões e tomadas de consciência antirracista sobre a questão negra no campo da educação. Que contribua para os debates referentes à implementação efetiva das leis 10.639|3 e 11.645|08, assim como às propostas de reformulação dos currículos que contemplem a diversidade epistêmica no IES. E, considerando o mito da igualdade racial no Brasil, convidamos à reflexão diária sobre a manutenção perversa do racismo estrutural. Que estas discussões não limitem-se ao mês da Consciência Negra.

REFERÊNCIAS

- FANON, Franz. **Pele negra: máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MANSA, Mestre Cobra. Encontro de Capoeira do Distrito Federal. Anotações pessoais. Brasília, 2017.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

CURRÍCULO

* Editora Adjunta deste número especial da Revista Eixo. Professora efetiva da Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília. Doutora e Mestra em Artes pela Universidade de Brasília. Licenciada em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é Coordenadora de Cultura, Sustentabilidade, Gênero, Raça e Estudos Afro- Brasileiros do Instituto Federal de Brasília (CBRA). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Interculturalidades Afroameríndias, com pesquisa atual sobre re-existências afrodiaspóricas na América Latina. Coreógrafa, performer e artista visual com obras artísticas apresentadas no Brasil, Portugal, Alemanha, Itália, Inglaterra, Finlândia, Qatar e EUA.